

## ENTREVISTA

### *Estudos Germânicos Medievais*

Realizada por Johnni Langer com **Prof. Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho**

Departamento de História, UNESP, campus de Assis.  
Filiado à ABREM e ao Centre Européen d'Art et de civilisation Médiévale/FRA, Conques. Organizador do V Ciclo de Estudos Antigos e Medievais (2003) e do VI Encontro Internacional de Estudos Medievais (2005).

[ruy-andrade@uol.com.br](mailto:ruy-andrade@uol.com.br)

Principais obras publicadas e organizadas:

*Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média*. Santana do Parnaíba: Sollis, 2005.

*Atlas de História Geral*. São Paulo Scipione, 1992.

*Os muçulmanos na península ibérica*. São Paulo: Contexto, 1989.

*O império bizantino*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**Johnni Langer (JL):** *Professor, em seu artigo “Mito e monarquia na Hispânia visigótica católica” (“Temas Medievales” v. 13, n. 1, 2005), você elucida, entre outras questões, a relação entre a apropriação de temas míticos pelos poderes políticos e religiosos constituídos. Pensar os vários elementos do cristianismo medieval enquanto mitologia é uma tendência recente na historiografia. Em sua opinião, porque os estudos de mitologia medieval (especialmente de origem germânica e célticas) ainda são tão escassos no Brasil?*

**Ruy de Oliveira Andrade Filho (ROAF):** De fato, os estudos sobre mitologia medieval no Brasil são ainda muito escassos, coisa que se amplia quando pensamos na Primeira Idade Média (séculos IV-VIII) Ibérica. A atenção sobre o tema nos foi despertada pela obra do professor Hilário Franco Júnior, *A Eva Barbada. Ensaio de mitologia medieval*, após o que, despertado para a questão, notei exatamente o que você me pergunta agora.

Em minha opinião, pensando nas mitologias de origem céltica e germânica, creio que o que dificultou até hoje os pesquisadores tenha sido a desnaturação e obliteração que tais temas sofreram por parte da Igreja católica em todo período medieval; por outro lado, também observo a questão do estancamento das metodologias que não se preocupavam com os subtextos dos documentos que analisavam, pois, como fica bem demonstrado em todos os setores, a Igreja católica teve que tentar livrar-se da mitologia recorrendo a mitologia, criando assim um vastíssimo campo de pesquisa que agora, com todo aparato metodológico que possuímos, podemos começar a desvendar.

**JL:** *No artigo “Cultura e religião no reino de Toledo” (Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média, 2005), você examina a transição oficial do paganismo de base romana para o cristianismo na Espanha dos séculos VI ao VIII, especialmente a sobrevivência de crenças populares identificadas a magia, adivinhação e medicina. Existe a possibilidade da cultura visigoda ter perpetuado alguma crença de origem pagânico-germânica, mesmo após a conversão de Úlfilas no século IV?*

**ROAF:** Sim, sem dúvida. Mesmo após a conversão dos visigodos ao arianismo de Úlfilas, devemos ter sempre em mente que uma religião, ideologia ou crença, não encontram campo fértil se não se verga aos ancestrais costumes e mentalidade das populações às quais se dirige. Também devemos ter em conta que neste momento da Primeira Idade Média, como ressalta o artigo do professor Jacques Le Goff (“Cultura Clerical e tradições Folclóricas na Civilização Merovíngia”), esse é o momento em que as massas camponesas apresentam-se como grupo de pressão cultural, o que, sem dúvida, alimentado pelo revivescimento da cultura céltica e acrescida da germânica, terão suas manifestações garantidas durante todo o Reino Visigodo Católico de Toledo (séculos VI-VIII). Não são poucos os indícios dessas permanências dentro dos concílios que desde a conversão oficial do reino, reclamam explicitamente três vezes – em uma considerável margem de tempo, ou seja, desde a conversão até os últimos anos do Reino – da questão da idolatria, não contando as menções implícitas, e as *Leges Visigothorum* também dedicam algumas de suas leis especialmente contra magos, arúspices e adivinhos, além de outras práticas pouco ortodoxas.

**JL:** *Um dos problemas na investigação de religiões antigas e medievais (especialmente as que desaparecerem) é o referencial de religiosidade contemporânea do investigador, que pode estabelecer critérios moralistas, juízo de valor e noções de julgamento sobre as fontes. Como os professores da linha de pesquisa “Religiões e visões de mundo”, do mestrado em História pela UNESP/Assis (do qual você é docente) encaram essas atitudes e que procedimentos tem adotado junto aos alunos em suas investigações.*

**ROAF:** Num primeiro momento, é não descartarmos o grande avanço dos materiais teóricos e metodológicos que a História Medieval atual, especialmente a francesa, têm nos fornecido. Partindo desse pressuposto, entramos no pantanoso campo de análise da documentação medieval que, como é sabido, possui características bastante distintas de outros momentos históricos. Disto, ressaltamos o que já mencionava Marc Bloch: “Não cabe ao historiador julgar, mas procurar entender a época histórica a partir de seus próprios valores”. Assim, iniciando as análises com um método específico para essa documentação de características particulares, passamos à construção de uma metodologia que não propõem amarras, mas que permita uma melhor aproximação do documento e da época a serem estudados. Procuramos, como já disse Georges Duby, nos aproximarmos o máximo possível mas sabendo que toda pretensão objetiva e que busca uma verdade, acaba dando em nada; disto, ainda segundo Duby, procuramos em nossos trabalhos “sugerir”, tendo em mente que jamais chegaremos à verdade.

**JL:** *Qual sua visão sobre os estudos de medievística no Brasil? Quais as possibilidades futuras e as limitações do presente?*

**ROAF:** Atualmente, acredito que estamos em um momento decisivo para os estudos da medievística no Brasil. Novos historiadores nacionais têm se dedicado aos períodos da Primeira e da Alta Idade Média, o que demonstra a existência de um grande rol de possibilidades para os pesquisadores. Creio que se trata de uma época de efervescência, em que desmitificada a ortodoxia católica uma vez que foi demonstrado que o próprio cristianismo é extremamente mitologizado. Assim, quanto às possibilidades presentes, acredito que estejamos apenas no início de diversas descobertas e na formação da base de onde futuros mestrados e doutorados poderão, com maior facilidade do que temos agora, abrir caminhos diversos para novos pesquisadores. As limitações presentes ligam-se ainda à dificuldade de se encontrar a documentação apropriada, por ser um recentíssimo campo de pesquisa e que, por essa razão, deve começar a parar de repetir o que já foi dito, utilizando-se das novas metodologias que hoje se disponibilizam para o pesquisador. Portanto, creio num futuro extremamente promissor.

**JL:** *Professor, comente sua atual pesquisa ou projetos futuros.*

**ROAF:** Minha atual pesquisa refere-se ao estudo das Hagiografias Visigóticas e suas relações, tanto com a Religiosidade Intermediária como com a construção da Monarquia visigótica. Pretendemos com isso esclarecer melhor aquilo que a historiografia hispânica – e outras – sobre o período que estudamos, ainda não se preocuparam em pesquisar, devido ao seu próprio estancamento metodológico. Nossa percepção sobre tal temática nos foi despertada por ocasião de nosso doutoramento em que, primeiramente, pretendíamos ver as relações entre a Cultura Folclórica e a Religiosidade Oficial. Todavia, nos deparamos com a completa ausência de trabalhos sobre a Religiosidade – e vários sobre a Religião – o que nos limitou à pesquisa da Religiosidade geral e que nos levou à criação do conceito de Religiosidade intermediária, tendo visto as várias permanências célticas e germânicas em toda sociedade do Reino Católico de Toledo. A partir desse primeiro passo, pretendemos desenvolver uma pesquisa inicialmente intitulada “*O Primeiro Corpo do Rei*”, parafraseando o famoso livro de Kantorowicz, uma vez que uma das *Lex* do reino estabelece com ele uma analogia antropomórfica.